

"O canto do cisne" ou contributo da Piscina-Praia de Isaias Cardoso para a disseminação da cultura moderna

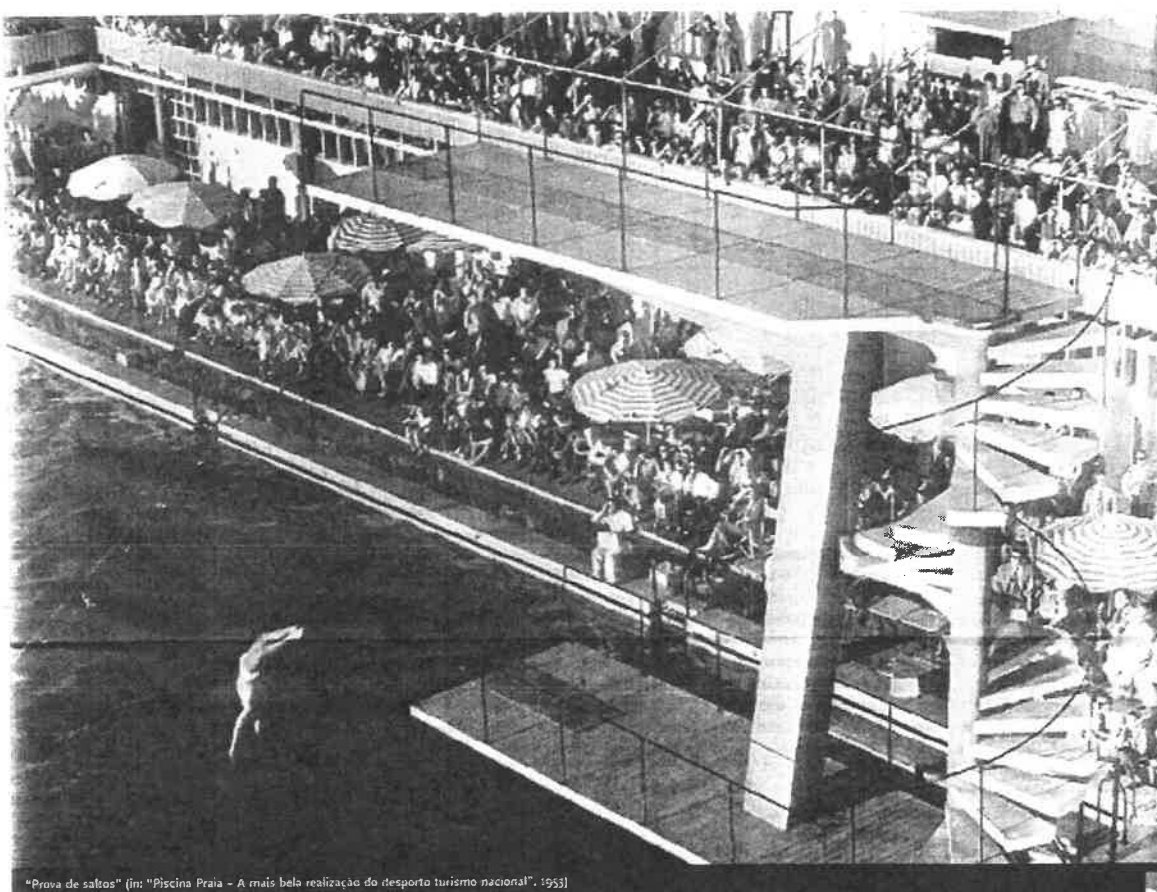
Propósito: o valor da Piscina-Praia

A Figueira da Foz está na moda como destino elitista de férias. Mas a Figueira da Foz é também assento de uma obra de arquitectura moderna – A Piscina-Praia – que, apesar do seu valor reconhecido a nível europeu, esteve ameaçada de morte.

A situação evoluiu e, num "curto espaço de tempo", passou-se à remodelação em curso – à data da publicação deste artigo.

Na sequência da preocupação manifestada pelo Dr. Santana Lopes relativamente ao estado do imóvel e a sua aquisição em Dezembro pela Câmara (como negociação de contrapartidas da concessão do jogo), noticiava-se (1) em 9 de Março a abertura do concurso público para as obras de remodelação (com a verba de 250 mil contos inscrita no orçamento da Empresa Municipal Figueira Grande Turismo). Duas semanas depois, uma notícia do mesmo jornal abria dizendo que "a Piscina do Grande Hotel já não existe" – após aprovação instantânea pelo IPPAR (2 dias) e a "participação" do arquitecto Isaias Cardoso (que terá visto alguns desenhos segundo nos comentou) passava-se à consequente "investida" (demolição), que gerará um rebento muito em breve.

Poder-se-ia agora reflectir se o projecto em marcha será um rebento feliz. Da mesma linhagem não virá seguramente a ser. Pelo que conhecemos do projecto, haverá alterações significativas: a dimensão e o relacionamento formal do tanque com os volumes envolventes; a ausência da emblemática torre; a substituição de elementos arquitectónicos característicos (como a guarda do terraço por planos de vidro); e o esvaziamento do interior dos corpos edificados (por exemplo o dos balneários) construindo novas compartimentações que (apesar de procurarmos responder a questões regulamentares) são por vezes alheias à modelação estrutural característica da "arquitectura moderna"; o anexo de dois novos volumes, encobrindo parte da envolvente volumétrica ao nível do terraço e mantendo visível os pisos superiores (que por acaso foram acrescentados posteriores ao edifício original da



"Prova de saltos" (in: "Piscina Praia - A mais bela realização do desporto turismo nacional", 1953)

Piscina e possivelmente menos interessantes arquitectonicamente); e o enxerto de nova ocupação programática no piso inferior (com acessibilidade a partir do átrio da Piscina) usando uma linguagem arquitectónica no mínimo distinta. Mas, não sendo nosso propósito questionar esta intervenção, que assenta numa ideia de intervenção patrimonial permissiva e que perante a necessidade de reprogramação opta por um gesto de enxerto, entendendo o edifício como uma pele que pode ser desfigurada servindo de suporte a novas colagens, gostaríamos de salientar a capacidade política que houve de resolver uma situação que se arastava e assegurar a manutenção de uma alusão a este signo figueirense que (re)cordemos mais uma vez) esteve para ser demolido na integra.

A nosso ver, a discussão que este processo gerou deixa um contributo importante para o futuro, porque foi capaz de dar conta da fragilidade cul-

tural com que, um pouco por todo o lado, (ainda) se encara o património arquitectónico "moderno", visto como algo "não histórico" e menos importante. Podemos pois dizer que a Piscina encarnou e deu início a uma problemática muito mais ampla, que deveria no futuro ser mantida aos mais diversos níveis – o que é o património arquitectónico?; qual o significado da arquitectura moderna?; como se reprograma edifícios com vista à rentabilidade?; qual a responsabilidade do poder local, do autor e da comunidade perante os fragmentos urbanos significativos?; que abordagens usam os projectistas que são chamados a intervir sobre a memória urbana? Sem pretender responder a qualquer destas questões mas apenas contribuir para uma reflexão colectiva, gostaríamos de propor que, connosco, partilhassem uma pequena investigação sobre edifício da Piscina-Praia (2). Gostaríamos também de dizer que, quando falamos especificamente de cidades

como a Figueira da Foz, de turismo e de equipamentos de Verão, é imprescindível debruçarmo-nos sobre a Piscina Praia de Isaias Cardoso, data de 1953 – caso significativo que reflecte a disseminação da cultura arquitectónica moderna em território nacional. A escolha desta obra assenta em três razões: a primeira consiste na qualidade arquitectónica e urbana que lhe é intrínseca; a segunda por participar e dar conta da difusão da produção moderna numa província marginal aos pólos Lisboa-Porto; e a terceira, de âmbito pessoal e operativo, justifica-se pela memória de uma dezena de verões que nela passámos e pelas facilidades de estudo que decorrem do contacto pessoal com o arquitecto Isaias Cardoso, autor de uma produção decisiva para a afirmação da arquitectura nesta região entre as décadas de 50/60.

A Piscina-Praia é um marco "moderno" por excelência, cuja compreensão do seu sig-

nificado não deve esquecer ter sido edificado num contexto específico – uma cidade litoral de carácter provinciano – A Figueira da Foz. De facto, a imperativa contextualização do edifício, requer abordar o passado recente da cidade e a mutação do seus usos e morfologia. Neste sentido, retrataremos (durante as próximas edições deste jornal) a Figueira da Foz como uma cidade que cedo viu o seu ambiente urbano caracterizado pela sazonalidade, a especificidade turística, uma relativa mobilidade populacional e, sobretudo, a simultânea "permanência e continuidade" que pontualmente a

revestiram de um ar cosmopolita. A obra arquitectónica sobre que nos concentraremos representa um desses momentos de avanço (social e arquitectónico) – um ensaio à experiência da modernidade e, em determinado sentido, uma (re)interpretação "modernista" do fenómeno turístico, a que não é alheio um certo culto da "classe média" pelo corpo (3) e pelo lazer.

Gonçalo Furtado

(Mestre em Arquitectura e Urbanismo, Assistente na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e no Instituto de Arte e Design de Lisboa).

1 - Diário As Beiras, 9/3/2001, pág. 11.

2 - A nosso ver, torna-se cada vez mais pertinente uma investigação sólida que, associada à principal obra de Isaias Cardoso – A Piscina-Praia, reconheça publicamente o percurso biográfico-profissional deste autor e a importância da produção moderna por ele empreendida.

3 - Um corpo cuja condição actual é simultaneamente a de um "corpo moderno" (a ideia estilizada de um corpo hierárquico, saudável e eficaz que se mostra na praia); e de um corpo de vestimenta "pós-moderna" (isto é, que prima pela mesma obsessão "normativa" pela diferença).